

Temas Abordados: Campanha Mundial "Construindo Cidades Resilientes, Plataforma Global para a Redução do Risco de Desastres – Sendai e a sua integração com Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Conferência das Partes da CMNUCC - Acordo de Paris, Habitat III e a Cúpula Humanitária para a resiliência a desastres.

PUBLICAÇÃO: 10/09/2018



Defesa Civil faz encontro para aprimorar ações de resiliência em Desastres



Médico-legista da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), Fortunato Badan Palhares

A Defesa Civil de Campinas realizou no dia 5 de setembro, um evento para refletir os 20 anos do acidente com romeiros, considerado o mais grave da Rodovia Anhanguera e um dos maiores já registrados em todo Brasil até a atualidade. A tragédia deixou 55 mortos e 35 feridos na madrugada do dia 8 de setembro de 1998 quando os religiosos voltavam para Anápolis depois de participarem de uma excursão na cidade de Aparecida.

O acidente envolveu dois ônibus com 98 romeiros, uma carreta carregada com 32 mil litros de combustível e um caminhão carregado com aguardente. Todos os veículos pegaram fogo na fatalidade. A tragédia foi próximo ao município de Araras. Na época, Campinas deu apoio ao acidente. Os legistas do IML (Instituto Médico Legal) de Campinas foram os que identificaram as vítimas que morreram carbonizadas.

O médico-legista da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), Fortunato Badan Palhares, também trabalhou nos reconhecimentos dos corpos como médico legista do IML de Campinas na ocasião do acidente. Badan é um dos convidados da Defesa Civil de Campinas neste evento que foi realizado, das 14h às 17h, no Auditório do Instituto de Tecnologia de Alimentos (Ital).

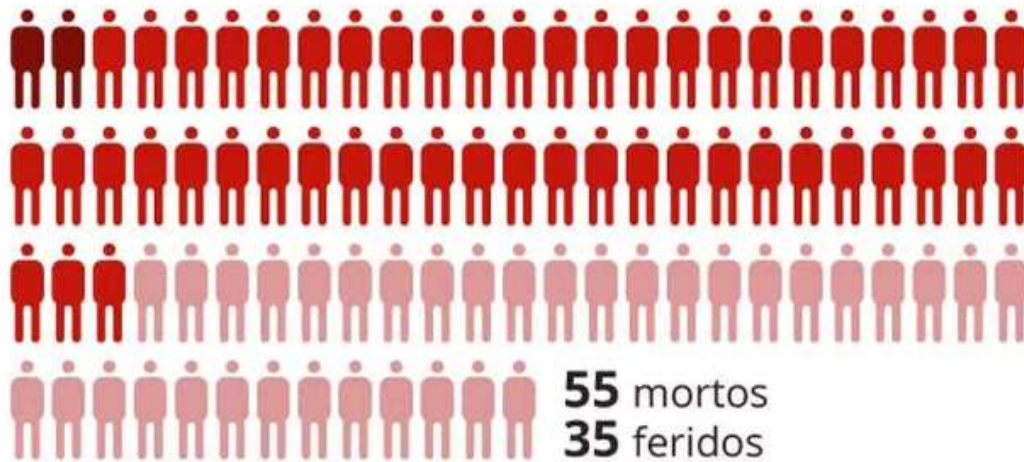
“O objetivo é a reflexão sobre o atendimento a acidentes como o ocorrido na Rodovia Anhanguera, para aprimorar as ações de resiliência a desastres em ocorrências com grande número de vítimas”, explica o diretor da Defesa Civil, Sidnei Furtado, que também é **promotor Cidades Resilientes das Nações Unidas - Unisdr**. Também participaram do m do evento o gerente da Divisão Funerária de Campinas/Setec, Erivelto Luis Chacon.



53 pessoas morreram em acidente que envolveu dois ônibus de romeiros e dois caminhões na Anhanguera, em Araras (SP), em 1998. (Foto: Reprodução EPTV)

VÍTIMAS

● mortos no hospital ● mortos no local ● feridos



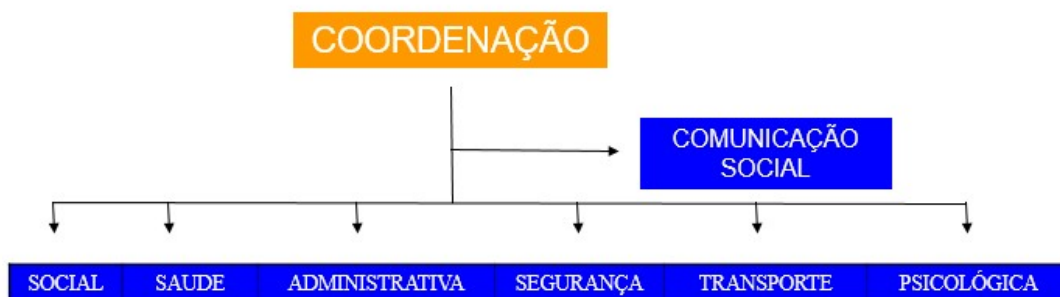
Fonte: Polícia Civil



Infográfico elaborado em: 07/09/2018

Organograma

Grupo de Assistência às Famílias em Campinas



Ficou instalado por 16 dias em Campinas e coordenado pela Defesa Civil- 1998

FONTE:http://correio.rac.com.br/mobile/materia_historico.php?id=592679

FONTE:https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2018/09/08/maior-acidente-da-rodovia-anhanguera-que-matou-55-pessoas-completa-20-anos.ghtml?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_campaign=g1&utm_content=post



A imprescindibilidade de agregar ao Marco de Sendai o cibernético

Risco Cibernético - probabilidade de ocorrência de um incidente cibernético associado à magnitude do dano por ele provocado.

“Doutrina Militar de Defesa Cibernética - MD31- M-07 (1ª Edição/2014)”

A tecnologia tem avançando em ritmo rápido e o conceito de Cidades Inteligentes começou a prosperar na América Latina, que tem investido US\$ 100 bilhões todos os anos em infraestrutura¹⁵. Brasil, Colômbia, México e Peru também estão investindo muito em suas iniciativas de cidades inteligentes e países como Chile e Venezuela também estão indo nessa direção. Os cidadãos esperam que as cidades sejam mais limpas, ricas e eficientes quando todos os setores como energia, água, sistemas de gestão de resíduos, mobilidade, transporte e edifícios estiverem interconectados. Utilizando a coleta de soluções e de tecnologias “inteligentes”, os planejadores urbanos e os usuários de cidades inteligentes estão posicionados para aproveitar as informações com o objetivo de resolver alguns dos desafios enfrentados de forma eficiente, sustentável e segura.

Apesar de a integração estar gerando eficiência de uma forma que não era possível antes, ela também apresenta novos desafios para os planejadores urbanos e as corporações.

A interconexão de dispositivos eliminou a barreira entre os mundos físico e cibernético e, conforme a brecha digital diminui, a violência se torna virtual e as atividades criminais (incluindo o recrutamento para gangues e grupos radicais, vendas de drogas e armas, etc.) se proliferam no mundo cibernético. Isso significa que uma perspectiva muito diferente deve ser considerada ao projetar uma cidade inteligente que também pode ser uma cidade segura.

Segundo a Marsh ataques cibernéticos vão gerar perdas de oito trilhões de dólares nos próximos anos. A maior preocupação dos empresários e autoridades mundiais em 2018 são os ataques cibernéticos de acordo com a Pesquisa de Riscos Globais do Fórum Econômico Mundial (FEM). “Com a escalada de ameaças cibernéticas, o custo estimado desses crimes nos próximos cinco anos é de oito trilhões de dólares”, afirma Eugenio Paschoal, presidente e CEO da Marsh Brasil, no comitê estratégico de CEOs & Chairpersons da Amcham em São Paulo na quarta-feira 07 de abril deste ano.

A Marsh é a instituição que conduziu mundialmente a pesquisa de riscos do Fórum Econômico Mundial (FEM).

Os crimes cibernéticos consistem em violações virtuais de segurança que podem resultar em roubo de dados e valores. As motivações por trás dos ataques às empresas

também incluem extorsão, paralisação de atividades, danos reputacionais e em caso extremos paralisar sistema de energia elétrica, de trânsito, comunicação, água provocando um “desastre cibernético” impactando em nível equivalente a um desastre natural.

Ataques direcionados ameaçam infraestruturas essenciais que estejam conectadas à Internet se não houver a adoção de medidas de segurança cibernética, considerando que esse risco estará sujeito a um aumento significativo devido ao uso da Internet das Coisas. A Internet das Coisas também pode transformar-se na Internet das Ameaças.

A escala e o número de ataques cibernéticos continuarão a crescer e ficarão ainda mais sofisticados. Os ataques realizados em sistemas de transporte, água, telecomunicações, energia, serviços financeiros e governamentais e de saúde têm a capacidade de desestabilizar a economia de um país. Na sequência de tais ataques, é de importância estratégica para a América Latina repensar as questões de segurança cibernética em suas iniciativas de cidades seguras.

Os riscos cibernéticos só podem ser abordados eficazmente se existe uma compreensão comum de sua importância e uma maior natureza interconectada.

Marco de Sendai

A Campanha "**Construindo Cidades Resilientes**" fora lançada internacionalmente em 2010, a cargo do Escritório das Nações Unidas para a Redução do Risco de Desastres - UNISDR/ONU. A Campanha foi anunciada durante o período de adoção do Marco de Ação de Hyogo (2005-2015), embasando os 10 passos essenciais para fins de incremento da resiliência a desastres, em nível local.

Em 2015, finalizando-se o prazo inicial de implementação do Marco de Hyogo, foi realizada a III Conferência Mundial sobre a Redução do Risco de Desastres, na qual foi adotado, por países membros da Organização das Nações Unidas -ONU, o Marco de Sendai para a Redução do Risco de Desastres 2015-2030.

A partir do novo acordo global, verificou-se a necessidade de se reformular a Campanha "**Construindo Cidades Resilientes**". Assim, foram incorporadas a ela as diretrizes estabelecidas no Marco de Sendai, para os próximos 15 anos.

A Campanha Construindo Cidades Resilientes tem por meta orientar aos governos locais como devem se preparar e aumentar sua resiliência frente às catástrofes. O Escritório das Nações Unidas para a Redução do Risco de Desastres (UNISDR), em colaboração com várias organizações parceiras, desenvolveram uma série de "indicadores urbanos locais" para as cidades avaliarem sua capacidade em resiliência.

A elaboração destes indicadores baseia-se nos "Dez Passos Essenciais para Construir Cidades Resilientes", atualizados a fim de adaptar o Marco de Ação de Hyogo (2005-2015) ao Marco de Sendai para a Redução do Risco de Desastres (2015-2030) e os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Ver os objetivos in:

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/o-que-s%C3%A3o-cidades-resilientes>

FONTE: <http://adesgce.net/news/a-imprescindibilidade-de-agregar-ao-marco-de-sendai-o-risco-cibernetico.html>

DIÁRIO DE PETRÓPOLIS

Câmeras do CIOP vão monitorar cheias na Coronel Veiga

A ideia é acionar de forma mais rápida e eficaz os órgãos de atendimentos para evitar as ocorrências na região



A Secretaria de Defesa Civil e Ações Voluntárias está monitorando o nível do Rio Quitandinha, na altura da Rua Coronel Veiga, com o apoio das câmeras do Centro Integrado de Operações de Petrópolis (Ciop). Os agentes acompanham pelas imagens o curso da água naquela região, que possui um grande histórico de inundações e alagamentos no período de fortes chuvas, que vai de novembro até a primeira quinzena de abril. A partir deste acompanhamento, os órgãos de resposta e de pronto atendimento serão acionados de forma mais rápida e eficaz. Casos como o que aconteceu no dia 3 de março deste ano, quando uma mulher ficou presa dentro de um veículo e teve que ser resgatada pelo Corpo de Bombeiros, preocupam a Secretaria de Defesa Civil.

O monitoramento da cidade conta com 56 câmeras espalhadas em 46 locais, que gravam em 360°. As imagens são geradas em alta definição e as câmeras possuem zoom com até um quilômetro de distância. A prefeitura já trabalha para ampliar o número de equipamentos para 96 câmeras. O Ciop reúne Guarda Civil, Polícia Militar, Polícia Civil, CPTrans, Defesa Civil e Corpo de Bombeiros em um único espaço, proporcionando mais segurança e eficácia no atendimento aos petropolitanos.

"As imagens do Ciop viabilizam acesso direto a cheias de rios e deslizamentos, facilitando que a gente busque alternativas para poder prestar o socorro mais rápido. A

Coronel Veiga é um ponto crítico durante o verão e o acompanhamento será fundamental para evitarmos ocorrências como a de março desse ano", explica o secretário de Defesa Civil e Ações Voluntárias, coronel Paulo Renato Vaz, reforçando que os agentes estão trabalhando no Ciop desde a inauguração do serviço, em junho, com foco na redução do risco de desastres.

O monitoramento do nível do rio na altura da Rua Coronel Veiga faz parte do trabalho integrado e organizado do Plano Verão municipal, que está sendo elaborado em dois eixos: operacional e comunitário. A preparação começou cinco meses antes da estação por causa dos números do último verão comparados com o ano anterior: os índices de chuva foram em média 120% mais altos, além da quantidade de ocorrências que subiram 48%. O lançamento está marcado para o dia 28 de novembro, na Casa dos Conselhos, na Av. Koeler.

"Sabemos que existe o risco, e dessa maneira, precisamos lidar com ele da melhor maneira possível, com treinamento e ações que reduzam os perigos. A ideia do Plano Verão municipal é preparar e organizar os órgãos de atendimento. Também trabalhamos de forma antecipada, com a presença da Defesa Civil nas comunidades e na escolas, com o objetivo de criar a cultura de prevenção aos desastres de origem natural em Petrópolis", disse Paulo Renato.

Também como parte das ações de prevenção aos desastres elaboradas pelo governo municipal, a Secretaria de Defesa Civil vai montar um calendário de visitas nas comunidades e nas escolas municipais e organizar o treinamento das equipes de resposta às ocorrências. O trabalho antecipado será realizado em cima das principais ameaças da estação: deslizamento de solo ou rocha, inundações, rolamento de blocos rochosos, vendavais e tempestades e raios.

"Agora em setembro já daremos início aos encontros setoriais para discutirmos a responsabilidade de cada órgão envolvido nos atendimentos das ocorrências que acontecem na cidade. O verão é um período de fortes chuvas e precisamos estar preparados", afirma o secretário de Defesa Civil.

SOS Chuvas: estudantes podem se inscrever

Estudantes de engenharia e de arquitetura da Universidade Estádio de Sá e da Universidade Católica de Petrópolis já podem se inscrever no SOS Chuvas, programa da prefeitura que busca impedir o avanço das ocupações e construções irregulares na cidade. Os alunos interessados devem procurar a direção dos seus respectivos cursos para se cadastrarem no estágio. O número de vagas será definido pelas coordenações das instituições de ensino, que encaminharão para as secretarias de Defesa Civil e Ações Voluntárias, Meio Ambiente e Obras, os universitários que se candidatarem.

As ações do SOS Chuvas tem foco na prevenção aos desastres de origem natural e são direcionadas para os trabalhos de articulação e mobilização comunitária, com a distribuição de panfletos informativos e de orientação; fiscalização e controle da ocupação desordenada e fiscalização de proteção ambiental. Cada setor da prefeitura

vai utilizar os universitários dentro da sua atribuição, sempre acompanhado de um responsável técnico.

FONTE: <http://diariodepetropolis.com.br/integra/cameras-do-ciop-vaio-monitorar-cheias-na-coronel-veiga-155186>



Trazendo direitos à resiliência: revelando complexidades de riscos climáticos e conflitos sociais

Marginalização e exclusão são expressas em conflito social e são determinantes na distribuição de risco e **resiliência**. Este artigo baseia-se na literatura recente que adotou uma lente de direitos humanos para explorar como a prática de **resiliência** pode explicar melhor as questões de equidade e poder. Utilizando o caso ilustrativo de Timor-Leste, apresenta uma análise de como os princípios dos direitos humanos se desenrolam nos cenários em que os direitos recebem significado.

A abordagem revela a reprodução de padrões de conflito e risco e sugere duas prioridades-chave para a prática da **resiliência**: primeiro, reconhecer e responder às narrativas e procedimentos profundamente enraizados que normalizam a desigualdade e a marginalização em diferentes escalas; e segundo, permitir a transformação em direção a arranjos políticos e sociais mais justos como parte da prática de **resiliência**. Aumentar a resiliência com o pensamento baseado em direitos pode situar a prática da resiliência, de modo que ela responda à complexidade dos arranjos sociais, reduzindo o risco e o conflito social.

FONTE: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/disa.12304>



Impactos dos incêndios na qualidade da água

Este resumo de políticas fornece uma visão geral do entendimento atual do impacto dos incêndios nos recursos hídricos, lacunas de conhecimento na avaliação e gestão dos riscos de contaminação pós-incêndio em diferentes contextos ambientais e o apoio necessário aos gestores da água para quantificar eficazmente os riscos de contaminação e identificar soluções eficazes.

Este resumo de políticas é direcionado a gestores florestais, de captação e de recursos hídricos; pesquisadores trabalhando no fogo e recursos hídricos; e financiadores e gestores de programas de pesquisa em recursos hídricos e prevenção e mitigação de desastres.



Condutores da paisagem de atividade recente de incêndio (2001-2017) no centro-sul do Chile

Os controles e drivers e o padrão espaço-temporal dos incêndios no Chile não são bem compreendidos. Para identificar as tendências de grande escala e os impulsionadores da atividade recente de incêndio em seis regiões no centro-sul do Chile (~ 32-40° S Latitude), este artigo avaliou as detecções de incêndio via satélite MODIS e comparou esses dados com os registros do Serviço Florestal Chileno. período 2001-2017. Estimativas da área queimadas do MODIS fornecem um registro espacial e temporalmente abrangente da atividade do fogo através de uma importante zona de transição bioclimática entre matagais mediterrâneos secos / florestas esclerófilas e florestas sempre úmidas decíduas-de folhas largas.

Os resultados sugerem que a atividade de fogo foi altamente variável em qualquer ano, sem tendência estatisticamente significativa no número de incêndios ou na área média anual queimada. A avaliação das variáveis associadas aos padrões espaço-temporais de fogo para o período 2001-2017 indica o tipo de vegetação, condições biofísicas (por exemplo, elevação, inclinação), condições climáticas anuais e sazonais médias (por exemplo, precipitação) e densidade populacional média tem a maior influência sobre a probabilidade de ocorrência de incêndio e área queimada em qualquer ano. Tanto o número de incêndios quanto a área anual queimada foram maiores nas regiões de planícies Bío-Bío e Araucanía, mais quentes e ricas em biomassa. Análises de seleção de recursos indicam que o fogo "preferencialmente" ocorre em florestas de plantação exóticas, florestas nativas exóticas mistas, florestas de esclerófila nativas, pastagens e matorral, tipos de vegetação que fornecem biomassa abundante, inflamável e conectada para a queima. Florestas de plantações exóticas estruturalmente e composicionalmente homogêneas podem promover a propagação do fogo maior do que as florestas nativas de folha caduca-*Nothofagaceae*, que já foram amplamente difundidas nas partes do sul da área de estudo.

No futuro, a coincidência de condições mais quentes e mais secas em paisagens dominadas por plantações florestais inflamáveis e ricas em combustível e florestas mistas exóticas e esclerófilas provavelmente promoverá ainda mais os grandes incêndios no centro-sul do Chile.

INFORMAÇÕES

PROMOTOR BRASIL

<http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/Home/viewalladvocates#page-3>

CAMPINAS RESILIENTE - OBSERVATÓRIO

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/observatorio>

INFORMATIVOS UNISDR

<http://www.eird.org/camp-10-15>

PREVENTIONWEB

<http://www.preventionweb.net/english/>

SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL

<http://www.mi.gov.br/web/guest/cidades-resilientes>